

Entre o pensamento religioso e o pensamento científico

Marli Bergel (docente do Itipoa e membro efetivo da SPPA)

Escolhi este título para a minha contribuição a esta mesa porque acredito que quando estamos diante da fantasia de um absoluto conhecido só podemos estar nos referindo a um pensamento religioso, no sentido mais amplo: aquele imune aos fatos, que não admite dúvidas nem diálogo, de alguma forma ligado à crença na onipotência dos pensamentos. Sendo assim também não admite a noção de alteridade. As doutrinas religiosas são ilusões, algumas até delírios, dizia Freud (1927). Em contraponto, a ciência se aceita como falível, está fundada na dúvida, disposta sempre a revisar suas teorias. Ligo aqui pensamento científico no sentido de pensamento ligado ao princípio de realidade.

Argumentos científicos não têm valia alguma contra as paixões. Apesar dos avanços contínuos da humanidade em seu controle sobre a natureza, com relação ao trato dos assuntos humanos não podemos afirmar progresso semelhante. Palavras de Freud, em *O futuro de uma ilusão* (1927).

Passados quase 100 anos deste texto, de avanços em tantas áreas que melhoraram a vida da população, os “assuntos humanos” seguem muito semelhantes. Freud (1927) disse que se eliminássemos a religião outro sistema de doutrinas assumiria todas as características psicológicas daquela – a mesma santidade, rigidez e intolerância, pois “o homem possui necessidades imperiosas de outro tipo”.

Nosso pensar está sempre exposto a um falseamento por interferência do princípio de prazer. Em quantidades maiores ou menores estamos sempre sujeitos a nos deixar levar por ilusões e, no momento em que a cultura as fomenta, em algumas áreas de nosso viver podemos estar frente ao predomínio do princípio do prazer em detrimento do princípio de realidade.

Daí que os intensos progressos que vivemos a partir de desenvolvimentos nas áreas da tecnologia, da medicina, das ciências em geral, podem também alimentar fantasias de *tudo podemos*, de não necessitar do outro, de imortalidade. Temos o paradoxo, o homem necessitou unir-se ao outro para evoluir, e, no momento em que alcança seu objetivo, deseja usá-lo para desmentir a alteridade, a diferença entre sexos e gerações e a finitude. Entre as fontes de sofrimento que Freud considerou que mais fere a humanidade encontra-se nossos relacionamentos com os outros. Por isso, a alteridade e a necessidade do outro parece que segue ferindo por demais a humanidade.

E, no momento em que há pouca troca com o outro o resultado é o empobrecimento simbólico. Se por não suportar a alteridade, o homem fizer uso dos avanços para escamotear as frustrações que o outro ou a realidade impõe, não cresce no encontro consigo mesmo

através da reflexão e da introspecção. No entanto, “é apenas na aparência que se livra de problemas, responsabilidades e angústias. No final, esses voltarão a dominá-lo, exigindo doses cada vez maiores de aturdimentos e superexcitação, que aprofundarão o seu vazio espiritual” (Llosa, 2013, p. 36, 37).

Kristeva (2002) afirma que a experiência cotidiana parece demonstrar uma espetacular redução da vida interior. E pergunta: Quem hoje ainda tem uma alma? Também diz ela que aquele que ama um reflexo sem saber que é o seu ignora, na verdade, quem é. E, penso, ao ignorar a si, também ignora ao outro.

Seria a aparência, o consumo, as adições de toda ordem representantes de uma nova religião? Ilusões que deixam o humano mais plano e submetido a um ideal cultural indiferenciado? Diz Vargas Llosa “quando o indivíduo se desindividualiza, transforma-se em massa e, de maneira inconsciente, volta aos tempos primitivos da magia e da tribo” (2013, p. 34). Massificação é outra característica de nosso tempo, segundo este autor.

Mas também observamos um recrudescimento de religiões, e mais primitivas. Para Kristeva (2002), indicativo de pobreza psíquica que pede à fé uma prótese da alma para uma subjetividade amputada.

Além disso, recrudescimento de extremismos, racismo, exaltação ao preconceito, culto à ignorância, anti-intelectualismo. Todas, talvez, manifestações de fantasias de “absoluto conhecido”.

Abdicar do narcisismo ilimitado onde nós mesmos éramos nosso ideal não é tarefa fácil. Tanto é que Freud (1914) assinala que procuramos recuperá-lo através do ideal de eu. O desejo de recobrar nossa “perfeição primária” (sentimento oceânico), que nos foi precocemente arrancada, é permanente em nós. Por ser um agulhão que nos empurra sempre para frente, encontra-se na origem das descobertas mais geniais da humanidade. Mas se eu e ideal ficarem fundidos, a tendência será esquivar-se da realidade escamoteando a evolução. Neste caso a alteridade apresenta-se borrada e ao invés de um movimento ascendente temos um movimento descendente, que inclusive subverte a ordem do psiquismo, podendo chegar ao delírio do *sei tudo, não preciso de nada*.

Se a ilusão de fazer-se UM com o objeto, de tornar-se O objeto, governa um grupo, o desejo de fusão entre o eu e o ideal, pelos meios mais regressivos, vêm ao encontro da abolição das aquisições da evolução.

Ao estimular a ilusão de completude o ideal de eu coletivo não promove a morte da representação narcísica primária, representação tirânica da criança rei, “sua majestade, o bebê”. Se esta representação segue predominantemente vigente, nenhuma vida de desejo, de criação é possível. (Leclaire, 1999). Conhecer, pensar, criar, amar, depende do “assassinato” do bebê maravilhoso. É na renúncia da imagem narcísica de nós mesmos que estas capacidades se desenvolvem, pois implicam no reconhecimento da castração.

Ao mesmo tempo o reconhecimento desta também não pode exceder um limite. Talvez possamos pensar que certa desmentida da mesma também se faz necessária. Uma desmentida estruturante (Green, Casas de Pereda, Marucco, Goldstein), que busca manter algo de ilusão que impulsionou e impulsiona o ser humano a inúmeras descobertas que aumentaram a qualidade e estenderam o tempo de vida.

Em seus últimos trabalhos Freud (1938) refere que no psiquismo de todos nós duas correntes contrárias coexistem, uma que reconhece a realidade e outra que não reconhece. Nosso psiquismo se estrutura, portanto, num interjogo entre repressão e desmentida. O resultado dependerá de qual dessas correntes é mais intensa. Nosso ideal de eu é uma instância estruturada a partir desta dialética. E, é graças a esse interjogo que os desenvolvimentos culturais, tecnológicos, etc... foram possíveis. Por isso, sempre, aceitamos e não aceitamos a castração e nossa finitude.

O mesmo ocorre na cultura: também estas duas correntes psíquicas convivem lado a lado. Há momentos onde predomina a corrente da desmentida (talvez o momento atual), e, em outros, o da repressão (tempos de Freud).

Da saída da desmentida depende a eficácia da repressão (Casas de Pereda, 1999). Quando a repressão acontece com uma desmentida forte, temos uma estrutura edípica frágil, pois assinala a dificuldade em aceitar as diferenças (predomínio da lógica da primazia fálica). Na medida em que diminui a força da desmentida, a castração simbólica ressignifica as perdas e ausências.

Na medida em que o ideal de eu coletivo alimenta a ilusão da completude narcísica, o sujeito pós-moderno tende a utilizar-se mais da corrente da desmentida como defesa perante a alteridade, a diferença entre os sexos e a diferença entre as gerações. Neste caso, a cultura, ideal de eu coletivo, é uma espécie de “chefe de horda que se assemelha a mãe do perverso, que alimenta a ilusão de que é possível o desejo de unir o ego e o ideal.” (Chasseguet-Smirgel, 1991) E, assim, não é necessário esforço para obter conhecimento, ele já está dado. Não é necessário ver no terceiro um ideal a ser alcançado, na alteridade uma possibilidade de crescimento, nas trocas com nossos semelhantes a constatação de diferenças que põem nosso saber em cheque para poder retranscrevê-lo.

No entanto, se a cultura exerce o papel de um terceiro que promove a exogamia (predomínio do pai simbólico sobre o imaginário), a repressão (acompanhada de uma desmentida estruturante – não patológica) será a defesa predominante, fazendo com que a pulsão não se extinga (Marucco. 2006). Desta forma propicia a criatividade, a aprendizagem através da alteridade, mantendo uma “certa” ilusão de imortalidade através da transmissão, da herança cultural, impulsionadores da vida. Vence a alteridade, a cultura em detrimento da natureza desgovernada.

Referências Bibliográficas:

- BERGEL, Marli. *O fetiche na cultura: desmentida (Verleugnung) estrutural ou patológica*. Revista de psicanálise da SPPA, dez 2011, vol XVIII, nº 3
- CASAS DE PEREDA, Myrta. *En el camino de la simbolización: Produccion del sujeto psíquico*. Paidós, Buenos Aires, 1999
- CHASSEGUET-SMIRGEL, Janine. *Ética e Estética da Perversão*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1991
- FREUD, Sigmund. Sobre o Narcisismo: uma Introdução In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. XIV Rio de Janeiro: Imago, 1974
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. XXI Rio de Janeiro: Imago, 1974
- FREUD, Sigmund. (1940[1938]) A divisão do Ego nos processos de defesa. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. v. XXIII Rio de Janeiro: Imago, 1975
- LECLAIRE, Serge. *Matan a um niño*. Amorrortu editores, 1999, Buenos aires
- LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo*. Objetiva, 2013, Rio de Janeiro
- GOLDSTEIN, Raquel Zak. *Erótica: um estudo psicanalítico da sexualidade feminina*. Criação Humana, Porto Alegre, 2000
- GREEN, André. *El trabajo de lo negativo*. Amorrortu, Buenos Aires, 2006
- MARUCCO, Norberto. *El placer en la fantasia y en la realidad*. Revista de Psicoanálisis, tomo LVII, Nº 1, APA- Buenos Aires, 2006